

Seis anos de paciência

Zélia mostra a embaixadores que precisa de tempo

Odail Figueiredo

Nos próximos cinco ou seis anos, a capacidade do Brasil de honrar sua dívida externa será bastante reduzida, devido ao programa de ajuste pelo qual deverá passar a economia. Este foi o principal recado que a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, transmitiu ontem aos embaixadores dos sete países mais ricos do mundo, com quem se reuniu para apresentar a proposta brasileira de renegociação da dívida externa de US\$ 115 bilhões.

Os embaixadores dos Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Inglaterra, Itália e Canadá, segundo um dos participantes da reunião, evitaram comentar o mérito da proposta brasileira, limitando-se a pedir esclarecimentos sobre alguns dos seus detalhes à ministra. No final do encontro, que durou quase uma hora, a ministra pediu a todos que mantivessem sigilo sobre os temas tratados.

Zélia iniciou sua exposição fazendo um apanhado da evolução da economia brasileira nos últimos anos e explicou que, na visão do governo, a retomada do desenvolvimento vai exigir alguma paciência dos credores. Em seguida, falou rapidamente sobre as propostas que estão sendo colocadas na mesa de negociações.

Coube ao presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, explicar, em inglês, maiores detalhes das várias alternativas que estão sendo apresentadas aos bancos comerciais e aos governos dos países credores. De acordo com os números apresentados aos embaixadores, o Brasil deve US\$ 63 bilhões aos bancos comerciais, US\$ 14 bilhões a organismos multilaterais (FMI, Banco Mundial, BID e outros) e US\$ 17 bilhões ao Clube de Paris, que

reúne instituições oficiais de crédito. Há ainda uma conta de US\$ 21 bilhões junto a outros credores.

Simpatia — De acordo com um dos diplomatas presentes ao encontro com a ministra, os governos dos países credores poderão ver com simpatia esta nova tentativa do governo brasileiro de resolver o problema da dívida externa. "Entre os governos, existe já a consciência de que a dívida não poderá ser paga nas condições em que está contratada e por isso há uma tendência de aceitar condições mais favoráveis", disse ele. A boa vontade dos governos poderá ser bastante útil ao Brasil nas negociações com o Clube de Paris e junto a organismos como o FMI e o Banco Mundial, cujas decisões são praticamente controladas pelos países mais ricos.

O governo está propondo ao Clube de Paris um amplo reescalonamento do débito de US\$ 17 bilhões, com base em duas alternativas: um abatimento dos valores originais, hipótese em que o débito poderia ser quitado em prazo mais curto; ou uma ampliação dos prazos de pagamento, com uma redução das taxas de juros. Recentemente a Polônia conseguiu renegociar suas dívidas oficiais com base num esquema semelhante a esse.

Mais difícil, porém, deverá ser a negociação com os bancos privados, que envolve US\$ 53,5 bilhões devidos pelo setor público. É que, segundo o mesmo diplomata, a proposta de transformação da dívida em *Zero Coupon Bonds* implicaria estabelecimento de taxas de juros fixas durante todo o período de validade dos títulos, com o pagamento a ser feito de uma só vez, no vencimento dos mesmos. Do ponto de vista dos bancos, observa o diplomata, não é interessante fixar as taxas de juros dos contratos devido à incerteza por que passa a economia mundial. Se os juros de mercado subirem no futuro, os bancos passariam a ter prejuízos por conta da renegociação feita com o Brasil.